

A EDUCAÇÃO, A PEDAGOGIA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO HUMANA

Juscineia dos Santos Delfino de Carvalho ¹
Universidade Federal do Acre – UFAC

João Francisco Lopes de Lima ²
Universidade Federal do Acre - UFAC

RESUMO

Esse estudo, de caráter bibliográfico, analisa a relação entre a educação como processo de formação humana e a emergência da Pedagogia como campo de conhecimento sobre as práticas educativas. O texto analisa, primeiramente, a noção de educação como prática de reprodução social presente em todas as sociedades para, em seguida, analisar o surgimento da forma escolar de educar. Por fim, discute a Pedagogia como campo de conhecimento, ora vista como arte, pelo seu aspecto instrumental, ora confundida com a Didática e, ainda como ciência da educação. Argumenta-se em favor da Pedagogia como campo científico que reflete sobre o ato educativo com vistas à formação humana em espaços escolares e não escolares.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia; Formação Humana; Ciência da Educação.

EDUCATION, PEDAGOGY AND THE HUMAN FORMATION PROCESSES

ABSTRACT

This bibliographical study analyzes the relationship between education as a process of human formation and the emergence of Pedagogy as a field of knowledge about educational practices. The text first analyzes the notion of education as a practice of social reproduction present in all societies, and then analyzes the emergence of the school form of education. Finally, it discusses Pedagogy as a field of knowledge, sometimes seen as art, due to its instrumental aspect, sometimes confused with Didactics, and even as a science of education. It argues in favor of Pedagogy as a scientific field that reflects on the educational act with a view to human development in school and non-school spaces.

Keywords: Education; Pedagogy; Human formation; Education Science.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre. ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-6857-8335>. E-mail: juscineia.delfino@sou.ufac.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Docente na Universidade Federal do Acre, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0188-2354>. E-mail: jfrancisco.lima@ufac.br

EDUCACIÓN, PEDAGOGÍA Y PROCESOS DE FORMACIÓN HUMANA

RESUMEN

Esse estudo, de caráter bibliográfico, analisa a relação entre a educação como processo de formação humana e a emergência da Pedagogia como campo de conhecimento sobre as práticas educativas. O texto analisa, primeiramente, a noção de educação como prática de reprodução social presente em todas as sociedades para, em seguida, analisar o surgimento da forma escolar de educar. Por fim, discute a Pedagogia como campo de conhecimento, ora vista como arte, pelo seu aspecto instrumental, ora confundida com a Didática e, ainda como ciência da educação. Argumenta-se em favor da Pedagogia como campo científico que reflete sobre o ato educativo com vistas à formação humana em espaços escolares e não escolares.

Palabras clave: Educación; Pedagogía; formación humana; Ciencias de la Educación.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação, enquanto um fenômeno histórico-social, está estritamente ligada ao processo de formação humana, contribuindo com o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo em sua integralidade. Pretende-se, neste estudo, de caráter bibliográfico, evidenciar que a educação cumpre não só o papel de transmissora de um conjunto de valores, costumes, modos de pensar e agir, mas que, acima disso, ela tem a potencialidade, por ser processo humanizador, de possibilitar que o indivíduo entenda sua realidade e atue sobre ela criticamente, contribuindo para a sua transformação.

No entanto, para que a educação tenha condições de desenvolver essas potencialidades ela precisa ser sustentada pela Pedagogia, que é a ciência que tem como objeto de estudo as práticas educativas. É por meio dessa ciência que se investiga toda a complexidade que envolve o campo educativo, buscando conjuntos de saberes capazes de orientar a transformação da realidade. A Pedagogia, entendida como ciência da educação, é fundamental para garantir que esse fenômeno seja um processo efetivo e transformador.

EDUCAÇÃO: UMA PRÁTICA SOCIAL HUMANA

Falar sobre educação é falar sobre a formação e o aperfeiçoamento da condição humana. A educação não tem uma origem precisa, não é algo particular de uma determinada região ou cultura; é inerente à essência humana (Gauthier; Tardif, 2014). Trata-se de um processo que faz parte da formação individual e coletiva. Brito (2011) destaca a importância desse processo ao defender que este é um fenômeno

primordial e básico da vida humana, pois é por intermédio dele que o sujeito, como um ser inacabado, tem a possibilidade de construir-se ao construir seu mundo com inteligência e liberdade.

A educação não acontece em lugar isolado da vida cotidiana ou em um lugar reservado exclusivamente a ela. Ela ocorre nos espaços escolares, nos espaços não escolares, ocorre nas vivências, nas relações sociais e culturais. Como afirma Brandão (1991, p. 7), “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.” Não há um modelo pronto e universal do que seria ou do que é um ideal de educação, justamente por isso utiliza-se o termo “educações”. O que para um povo/cultura pode ser um ideal de educação para outro pode ser insuficiente e sem valor.

Seguindo essa mesma linha de defesa de não haver um modelo universal de educação ideal, encontra-se o posicionamento do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917). Ele aponta que a ideia de haver uma educação ideal e válida, sem distinção, para todos os homens, se desfaz a partir do momento em que o percurso das sociedades é levado em consideração. Ao longo da história, cada sociedade atribui/exige da educação uma finalidade específica. Por exemplo, nas pólis gregas, a finalidade da educação era ensinar o indivíduo a subordinar-se à coletividade; em Roma era transformar as crianças em homens de ação, apaixonados pela glória militar, insensíveis às letras e artes; na Idade Média a educação era sobretudo cristã; já no Renascimento passou a ter um caráter mais laico e literário (Durkheim, 2011).

Com base nisso, fica claro que em cada sociedade a educação cumpre com um certo tipo de ideal educativo, sem resultar, no entanto, que esse ideal se torne como algo universal a todas as outras sociedades. Se assim tivesse ocorrido, uma sociedade acabaria por sucumbir em meio ao ideal educativo da outra. Em cada período histórico existe uma necessidade particular que se diferencia dos períodos anteriores que, por consequência, exige um modelo de educação que seja capaz de suprir essas particularidades e transmitir os valores e as regras morais necessárias para o convívio no meio social. Sendo assim, exige uma educação capaz de dar conta do processo de endoculturação, que nada mais é que um processo contínuo de apropriação, pelo indivíduo, da cultura em que está inserido, e que tem seu início a partir do nascimento.

Ao nascermos, somos inseridos instantaneamente em uma sociedade que exige um conjunto de normas sociais e culturais consideradas essenciais para um convívio harmônico, para que exista alguma coesão social. Adequar-se a isso é necessário se quisermos ser pertencentes a essa sociedade. No entanto, esse conjunto de normas é complexo demais para ser materializado e abstraído por intermédio de uma certa predisposição orgânica.

É nesse impasse que entra o fator fundamental da educação, pois é ela que vai garantir a transmissão dos costumes, regras e valores da vida social. É a educação que ensina o indivíduo a integrar-se à sociedade, destacando-se, assim, o papel da educação de promover a reprodução de um determinado modelo social às crianças e jovens. Nesse sentido, ela se dá de forma geracional, isto é, se configura em um viés no qual os valores e normas coletivas exigidas por uma determinada sociedade são transmitidas de uma geração à outra. Durkheim (2011, p. 50) salienta que “para que haja educação é preciso que uma geração de adultos e uma de jovens se encontrem face a face e que uma ação seja exercida pelos primeiros sobre os segundos”.

À vista disso, a educação é a ação exercida com e sobre as crianças por adultos, que de certo modo já se encontram inseridos na sociedade, com a intencionalidade de integrá-las à sua comunidade e lhes transmitir a sua cultura e o conjunto dos saberes necessários à existência dessa comunidade. Esse direcionamento ressalta a tese central desenvolvida por Durkheim de que a educação é um fato social, visto ser um fenômeno que é moldado e influenciado pela sociedade, com vistas a transformar o ser individual em um ser social. Não é simplesmente uma experiência individual, mas sim coletiva, moldada pelos valores, normas e crenças da sociedade em que ocorre. É um fato social, pois se impõe de forma *generalizada*, pois atinge todos os indivíduos indistintamente, marcado pela *exterioridade*, já que seus padrões antecedem a existência dos novos membros da sociedade e de forma *coercitiva*, pois os padrões já existentes agem sobre o comportamento dos indivíduos, influenciando-os (Durkheim, 2011).

Entende-se por fato social toda forma de pensar, agir e sentir que determina o comportamento dos indivíduos. Diz respeito aos conceitos, preceitos e valores, formas de agir e pensar que definem o comportamento em sociedade. É algo que é exterior ao indivíduo, mas que tem uma influência significativa em sua vida e em seu

comportamento. Exemplos de fatos sociais incluem as leis, a religião, a economia, a educação, a cultura e as relações de poder. Eles são considerados como fatos sociais porque são criados pela sociedade e não pelo indivíduo e porque seus efeitos são sentidos por todos os membros da sociedade.

Durkheim defende que a educação é um processo de socialização metódico, uma vez que é por meio dela que são transmitidos para as gerações mais novas os valores e as regras das gerações adultas. Quando uma criança nasce, ela é inserida em uma sociedade já existente e é essa sociedade, por meio da educação, que vai moldar esse novo ser com vista a produzir nele um ser social, capaz de agir coletivamente levando em conta não apenas os próprios interesses e motivações. No entanto, além da função de transmissão de valores, a educação também tem a potencialidade de transformação, sendo capaz de conceder subsídios ao indivíduo para interpretar sua realidade e a partir disso buscar transformação. Assim sendo, a educação é um processo que busca promover o desenvolvimento do sujeito em sua totalidade ajudando-o a humanizar-se, tornar-se um sujeito educado.

Neste sentido, é correto considerar que a educação é um fenômeno amplo, um processo que envolve e desenvolve funções que vão além do papel de apenas transmissora de conjunto de valores. Ela é uma prática social humana que modifica os indivíduos em sua totalidade e que dá uma configuração à nossa existência humana social e grupal (Libâneo, 2007).

A partir dessas considerações e apontamentos, o questionamento que sobressai é: existe um ideal de formação humana e um ideal de pessoa educada? Educada não no sentido de bons modos e bons comportamentos, mas no sentido de autonomia e criticidade. Como defendem Pimenta, Pinto e Severo (2020), um sujeito educado é um sujeito capaz de fazer interpretações sobre sua realidade e transformá-la. Mas, para isso, é necessário que este sujeito conheça criticamente as condições concretas de sua realidade e aproprie-se dos instrumentos que possibilitem compreender como foram produzidas as situações de desumanização presentes na atualidade.

É válido destacar que, ao compreendermos a função abrangente e complexa da educação, não se pode considerar que ela deva ocorrer estritamente no meio familiar ou que fique à mercê das arbitrarias vontades individuais. Se assim o fosse,

seria impossível manter uma sociedade posto que para mantê-la é preciso que haja uma comunhão de ideias e sentimentos entre os cidadãos. Essa é uma tarefa mediada pela educação e é justamente por isso que ela não deve ser restrita ao particular, mas sim, direcionada do coletivo para o individual. É nesse ponto que, no contexto das sociedades modernas, entra a importante função do Estado, visto que “se a sociedade constitui o ponto de referência para a educação dirigir sua ação, como ela poderia ficar ausente desta última?” (Durkheim, 2011, p. 62).

O Estado se configura como um meio de consagração e expansão da comunhão de ideias e sentimentos coletivos necessários à existência da sociedade, independente do modelo social vigente. A partir da modernidade, ele passou a ter como dever a instrução pública, transformando a escola em base para uma nova forma de organizar a reprodução de elementos culturais e sociais. Durkheim aponta, portanto, a necessidade dos sistemas escolares como parte do processo elaborado de socialização das novas gerações que a sociedade moderna exige. Destaca, ainda, que ao Estado cabe demarcar a função da educação pública a partir de elementos que podem ser balizadores da vida moderna: o cultivo da razão, da ciência e dos valores democráticos (Durkheim, 2011).

Lima e Theves (2021) apontam que a organização de estratégias para fornecer às gerações mais novas o acesso à cultura letrada e aos processos de aprendizado social adquiriu uma forma específica, a forma escolar, especialmente a partir do século XIX. A finalidade dessa forma de educação se estabelece de maneira intencional, porque tem finalidade formativas, sistemática, porque adquire um modelo regrado, seriado com sistemas de avaliação e de progressão, e institucional, porque é desenvolvida sob regras legais de execução de um projeto público de educação. Sua finalidade como projeto de educação é instruir grupos de alunos de modo simultâneo, superando as práticas anteriores focalizadas no ensino doméstico, realizado por preceptores e de caráter individual.

A escola, essa instância formativa, de interesse do Estado, é destinada para preparar as crianças e os jovens para a vida pública. Juntamente com os sistemas escolares, também a Pedagogia como um campo de conhecimentos sistematizados, passa a ser formalizada. Neste momento, seu propósito é fornecer, com base na razão e na ciência, os recursos didáticos, os modos de fazer adequados para alcançar os

objetivos pedagógicos desejados, devendo ser capaz de conjugar uma organicidade entre os meios educativos escolhidos e as finalidades educacionais pretendidas.

Brito (2011) destaca que a educação entendida como processo que busca promover o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade só pode cumprir o seu papel se for auxiliada diretamente pela Pedagogia, dado que ela é a ciência que tem a educação como objeto de estudo. Seguindo essa linha de defesa, Pimenta, Pinto e Severo (2020) elucidam a relação entre a educação e a Pedagogia salientando que a educação é caracterizada como um processo de formação humana e a Pedagogia é a ciência que estuda esse processo.

Essa defesa nos ajuda a compreender a necessidade de que a educação rompa e avance a esfera de reprodutora social e amplie as suas funções. Para isso, é necessária uma estrita relação com a Pedagogia, pois é ela que subsidiará o sujeito a compreender os fatos de sua realidade e a partir disso agir criticamente e autonomamente a fim de transformar o contexto a sua volta. Mas esse entendimento só é válido se a Pedagogia for, de fato, compreendida como a ciência que tem a educação como objeto de estudo. Uma discussão que envolve embasamentos muito mais complexos que carecem de análise. Discussão essa que será realizada no tópico seguinte.

A PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

A Pedagogia é uma ciência recente, sua origem coincide com o final do século XIX e início do século XX. No entanto, o termo Pedagogia existe desde a Antiguidade Clássica. Há a compreensão de que foi na Grécia antiga que o termo pedagogo foi usado para se referir ao escravo que acompanhava as crianças à escola. Os gregos valorizavam a educação como um processo contínuo de formação integral visando seu desenvolvimento físico, intelectual, moral e estético. Por meio desse ideal educativo, também conhecido como *paideia* grega, os gregos buscavam não apenas a aquisição de conhecimento, mas também a formação de cidadãos éticos e responsáveis, capazes de contribuir para o bem-estar da comunidade como um todo. Nessa época não se tinha ainda a compreensão da Pedagogia como a ciência da educação, todavia era praticada uma ação pedagógica.

É o século XVII que fornece as bases da Pedagogia. Ela surge devido à expansão do ensino simultâneo. O aumento na quantidade de crianças com idades diferentes frequentando a escola acabou desencadeando problemas pedagógicos que até então não existiam. O modelo de ensino que predominava até então não desafiava a metodologia de ensino que era utilizada, visto que era uma pedagogia no singular, isto é, poucos alunos em uma sala ou de modo individualizado no ensino doméstico. No entanto, a emergência do ensino simultâneo acabou revelando que os métodos de ensino eram insuficientes para essa nova configuração pedagógica.

Ensinar um grupo de crianças simultaneamente passou a exigir do professor bem mais que o domínio do conteúdo a ser ensinado. Logo, gerou a necessidade de uma reflexão consciente e organizada sobre a estrutura completa da classe para resolver novos problemas de ensino que surgiam. Pedagogia, então, neste momento, surge como uma espécie de didática para o ensino simultâneo forjando os mestres a criarem um “saber-fazer” voltado ao como ensinar e aos aspectos da organização da classe (Gauthier; Tardif, 2014).

No decorrer de sua trajetória multissecular, a Pedagogia pode ser identificada na relação teoria-prática que lhe é intrínseca. Sendo assim entendida, fica evidente que ela é uma teoria da prática educativa. Todavia, há de se considerar “que se toda pedagogia é teoria da educação, nem toda teoria da educação é pedagogia”, conforme nos lembra Saviani (2007, p. 102). O conceito de Pedagogia volta-se a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa.

A discussão pedagógica ao longo do século XVII, funciona como uma espécie de Didática, pois neste período, como apresentado, sua preocupação voltava-se ao “como ensinar” com a incessante busca de formular métodos de ensino. No século XVII teve grande influência o pensamento racional de Comenius, ao propor uma didática que fosse capaz de ensinar tudo a todos como se fossem um. No entanto, a Didática integra a Pedagogia, mas não se confunde com ela.

Como argumentam Lima e Theves (2021), a necessidade do estabelecimento de métodos e procedimentos relativos ao ensinar e aos procedimentos da vida escolar, exigidos diante da modalidade de ensino simultâneo subsidia o surgimento do que hoje chamamos de Pedagogia como ciência. Entendida como campo científico, ela lança bases para a reflexão pedagógica sistemática e ao questionamento das

práticas instaladas nas escolas, e, desta maneira, favorecendo o progresso das práticas pedagógicas. Sendo assim, “o direcionamento da Pedagogia para o caminho científico implica afastá-la das proposições abstratas ou baseadas somente na prática, no costume, na opinião” (Lima,; Theves, 2021, p. 208).

Nesta configuração, ela opera como reflexão sobre o ato educativo em sua totalidade, buscando compreender a complexidade dos processos presentes nos sistemas escolares e analisando os melhores caminhos e condições para atingir sua potencialidade. Os debates em torno da Pedagogia e de sua definição possuem diferentes conceituações. Em alguns momentos a Pedagogia é conceituada como a ciência e arte da educação e em outros como a ciência da arte educativa.

Saviani (2020) afirma que recorrer aos livros que tratam desse assunto para buscar uma resposta à pergunta “o que devemos entender por pedagogia?” possivelmente aumentará ainda mais nossa perplexidade, pois há os que definem a Pedagogia como sendo a ciência da educação e outros que a consideram predominantemente como arte de educar, ou seja, negam-lhe caráter científico. Há quem defenda que Pedagogia é uma combinação entre ciência e arte de educar. Há, ainda, aqueles que entendem a Pedagogia como teoria da educação. Todavia, o autor ressalta que apesar das diversas caracterizações do termo “pedagogia”, é nítido que “para além da diversidade, há um ponto em comum: todas elas trazem uma referência explícita à educação” (Saviani, 2020, p. 131).

Esse conflito de ser ciência ou arte é um debate que Franco (2008) explora em seu livro “Pedagogia como ciência da educação”. A autora aponta que essa indefinição da Pedagogia em ora ser tratada como arte da educação, ora como ciência da educação e ora, ainda, como ciência da arte educativa, configurou bases indefinidas sobre seu campo de conhecimento. O conflito e as incertezas que se tem sobre a identidade da Pedagogia está entrelaçada com essa indefinição inicial. Com base em pesquisa realizada nas obras dos estudiosos da Pedagogia no Brasil, a autora destaca que esse conflito se desfaz a partir do momento em que se considera a Pedagogia como uma ciência normativa, visto que ela “lançará mão de meios para se realizar e não precisa ser arte, a arte será prerrogativa dos meios utilizados pela pedagogia” (Franco, 2008, p. 27).

Neste sentido, sendo ciência, cabe à Pedagogia refletir sobre os fins e proceder a busca dos meios adequados para concretização da prática da educação enquanto processo de formação humana. A Pedagogia é um campo de conhecimento que estuda o ato e a problemática educativa em sua totalidade e historicidade ao mesmo tempo em que é orientadora da ação educativa. Sendo assim, a Pedagogia não se refere apenas às práticas escolares, mas a um variado conjunto de outras práticas, pois refere-se a uma reflexão sistemática sobre todo o fenômeno educativo (Libâneo, 2001).

A Pedagogia entendida como ciência da educação não quer dizer que seja algo direcionado apenas à organização da sala de aula ou de uma reflexão sobre a melhor forma de ensino. A defesa da Pedagogia como ciência da educação está relacionada a uma prática social; é algo muito mais complexo, muito mais abrangente. Franco (2008) destaca que à medida em que a Pedagogia se satisfaz com os processos instrucionais da sala de aula, da escola e deixa de priorizar a educação dos povos como projeto político-social, ela perde sua identidade. A autora destaca que, nesta compreensão, a Pedagogia perde poder de aglutinação e passa a dar espaço para mecanismos de outras ciências que, sem a ótica do pedagógico, acabam restringindo o estudo da Pedagogia à processos instrucionais e cognitivos da aprendizagem. Esse viés reduz as potencialidades desta ciência e, ao mesmo tempo, de seu objeto de estudo.

A Pedagogia é uma ciência porque investiga um objeto lhe é próprio, no caso a educação, e busca compreender e desvendar toda a complexidade que envolve esse objeto. No entanto, atribuir cientificidade à Pedagogia acabou por gerar um certo mal-estar na academia. Um dos motivos que desencadeou esse mal-estar foi o fato de a Pedagogia ser entendida ora como um conjunto de teorias para guiar as práticas dos educadores, ora reduzida a transmissão de conhecimento. Além disso, enquanto outros campos de conhecimentos, como a Sociologia, Psicologia, Antropologia, Economia, denominados como ciências desde suas origens, foram ganhando espaço e prestígio na academia, a Pedagogia foi sendo deixada de lado, não sendo reconhecida como um campo disciplinar de estudo e de pesquisa (Moreira; Pimenta, 2021).

A pluridimensionalidade do objeto de estudo da Pedagogia revela alguns questionamentos sobre a Pedagogia ser a única ciência da educação ou se ela é apenas uma das ciências da educação. Libâneo (2021) buscando respostas a esses questionamentos, revela que ao longo da história sobre o estudo científico da educação surgiram quatro posicionamentos. O primeiro defende ser a Pedagogia a única ciência da educação, uma Pedagogia Geral, compreendendo as demais ciências como “auxiliares”. O segundo abandona o termo Pedagogia Geral. Neste posicionamento a educação é objeto de estudo de um conjunto de ciências, configurando a Pedagogia como um meio operacional das ciências da educação. O terceiro exclui o termo Pedagogia, visto que, os valores e fins da educação não podem ser inferidos cientificamente. O quarto posicionamento considera a Pedagogia como ciência da educação autônoma, porém, articulada com as demais ciências da Educação.

Neste posicionamento, a Pedagogia busca aportes nas ciências da educação, sem, no entanto, perder sua autonomia epistemológica. Libâneo (2021) afirma compartilhar a mesma ideia desse último posicionamento. Ressalta que a Pedagogia não é a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Há de se considerar também a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, entre outras, que podem ser vistas como ciências da educação. No entanto, nenhuma dessas ciências é capaz, por si só, de substituir a Pedagogia, visto que essas outras áreas científicas abordam o fenômeno educativo com base em seus próprios conceitos e métodos de investigação. A Pedagogia, portanto, é um campo específico de reflexão sobre a educação, movendo-se ao mesmo tempo entre a dimensão teórica e prática, visando analisar a ação educativa em seus condicionantes históricos e sociais, sendo capaz de projetar essa ação em um sentido crítico emancipatório (Libâneo, 2021).

Considerando o exposto até aqui sobre a cientificidade da Pedagogia, fica evidente que a identidade deste campo carrega uma complexidade que deveria romper com qualquer visão e entendimento de senso comum que reduza a Pedagogia à condição de um curso voltado à formação de professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais. A Pedagogia é uma ciência pois é ela quem estuda o campo educacional, direcionando e permitindo realizar uma *práxis* educativa capaz de transformar realidades, não só educacionais, mas também sociais.

Se alguém for questionado sobre o que é a Pedagogia, possivelmente a resposta será “um curso que forma professores da Educação Infantil e Anos Iniciais”. Para exemplificar isso, cabe destacar a pesquisa realizada por Vagula, Nascimento e Gasparin (2019), cujo objetivo era analisar como os conceitos Educação, Didática e Pedagogia são entendidos por adultos com escolaridade nula, básica, média e superior. Essa pesquisa contou com a participação de 131 pessoas. Ao questionarem os participantes sobre o conceito de Pedagogia, 7% não souberam responder, 38% responderam que é um curso para formar professores, 21% que são profissionais que atuam na escola, 19% que é uma ciência que se encarrega da educação e 15% responderam que é um método para ensinar pessoas.

Embasados em respostas e entendimento como esses, é possível perceber que assim como a identidade da Pedagogia está marcada por incertezas, o Curso de Pedagogia no Brasil e a formação do pedagogo também enfrentam um campo fragilizado, uma vez que a formação do pedagogo é vista de forma reduzida com foco voltado ao exercício docente e ao ensino de crianças da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino fundamental.

O pedagogo, em seu processo de formação, deve ir produzindo profunda intimidade com as questões da docência e do ensino, todavia, será inconcebível subsumir a formação de pedagogos ao exclusivo exercício docente, uma vez que “a docência deve se fundamentar pela pedagogia, não sendo correto afirmar que a pedagogia se faz pela docência” (Franco, 2008, p. 117).

A discussão que tem sido feita com base nos cursos de Pedagogia, bem como a forma que este é estruturado a partir das organizações curriculares, tem despertado o interesse dos estudiosos da área educacional em realizar pesquisas e debates sobre essa temática. Selma Garrido Pimenta, que é uma das renomadas pesquisadoras da área da Pedagogia enquanto ciência, ao ser questionada em uma entrevista sobre o lugar da Pedagogia nos atuais cursos de Pedagogia, respondeu que é inexistente, uma vez que os atuais cursos de Pedagogia se reduzem à formação de professores. Ela aponta que a Pedagogia enquanto ciência não era necessária ao fazer docente, pois aos professores cabiam apenas aprender e executar as práticas de ensinar. Esse entendimento veio se estendendo até os dias atuais gerando um desprestígio à

Pedagogia que acaba sendo reduzida a um campo de práticas (MOREIRA; PIMENTA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo destacando as potencialidades da educação como uma agente transformadora e como um processo capaz de promover o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade. Todavia, destacamos também que para que ela tenha condições de tal ação precisa ser amparada pela Pedagogia. A educação está presente em diferentes momentos e lugares na história, transitando entre processos considerados necessários de reprodução social e processos que visam a sua transformação.

Não havendo modelo universal aceitável, a educação como processo de formação humana está presente sempre como uma prática social. A partir da implementação dos sistemas públicos de educação, sob responsabilidade do Estado, emerge a forma escolar de educar, democratizando as oportunidades formativas e ampliando o acesso ao que ficou chamado como instrução pública.

Neste contexto, as sociedades modernas elegem a escola como um modo de educar as novas gerações em seus aspectos mais amplos e que ofereçam os instrumentos para uma vida coletiva, como meio para se integrar na sociedade como cidadão produtivo e ativo politicamente.

A emergência dos sistemas escolares criou a demanda do ensino coletivo, também designado como ensino simultâneo, que passa a exigir novos conhecimentos sobre esse processo específico de educação. Nessa situação, emerge a Pedagogia como campo de conhecimento que é convocada a fundamentar as ações formativas, numa configuração que lhe é peculiar, entremeando as orientações teóricas e as práticas decorrentes dessa fundamentação.

Ora vista como arte, ou seja, focada nos meios de ação, como uma espécie de técnica ou orientação procedimental, ora vista como campo científico, a Pedagogia se torna também um campo formativo, ou seja, um curso, e, portanto, um campo de atuação profissional.

Nesta tríade, defende-se que os processos de educação enquanto prática social que visam a formação humana encontram na Pedagogia o campo apropriado para a sua fundamentação. As chamadas ciências da educação, ainda que

colaborativas ao campo da Pedagogia, operam com objetos específicos que não alcançam a totalidade do ato educativo, que é o objeto específico da Pedagogia e que pode ocorrer em espaços escolares ou não escolares.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 26.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRITO, Rosa Medonça de. **Construindo conhecimentos no processo educativo**. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Trad. Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 17, n. 17, p. 153-176. 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia como Ciência da Educação: objeto e campo investigativo. In: PIMENTA, Selma Garrido; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima (Orgs). **Pedagogia: teoria, formação, profissão**. São Paulo: Cortez, 2021.
- LIBÂNEO, José Carlos. A pedagogia em questão: entrevista com José Carlos. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 11-33, 2007.
- MOREIRA, Jefferson; PIMENTA, Selma. Pedagogia e pedagogos entre insistências e resistências: entrevista realizada com a Prof^a. Dra. Selma Garrido Pimenta. **Pesquiseduca**, Santos, v. 13, n. 31, p. 925-948, 2021.
- PIMENTA, Selma; PINTO, Umberto; SEVERO, José. A Pedagogia como Lócus de formação profissional de educadores(as): desafios epistemológicos e curriculares. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-20, 2020.
- PIMENTA, Selma; PINTO, Umberto; SEVERO, José. Panorama da Pedagogia no Brasil: ciência, curso e profissão. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 38, 2022.
- SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. São Paulo: Autores Associados, 2020.
- SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 99-134, jan./abril. 2007.
- VAGULA, Edilaine; GASPARIN, João Luiz; NASCIMENTO, Mari Clair Moro. Educação, Didática e Pedagogia: a interlocução entre o conhecimento científico e o senso comum. **Nuances**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2019.

